0102 - Georgino Jorge de Souza Neto, Izabela Guimarães Augusto, Priscila Augusta Ferreira Campos

Das senhoras e senhorinhas nos "grounds" do sport bretão: a história da mulher nos campos de futebol em Belo Horizonte/MG (1904-1920)

Georgino Jorge de Souza Neto
Priscila Augusta Ferreira Campos
Izabela Guimarães Augusto
Silvio Ricardo da Silva

O presente estudo objetivou investigar a presença das mulheres nos campos de futebol na cidade de Belo Horizonte/MG, nas décadas iniciais do século XX. Tencionamos, assim, buscar referências que permitissem a construção de uma representação que apontasse, nos seus meandros, o movimento da participação da mulher na inserção do futebol na recém-criada Capital mineira.

Vale ressaltar que Belo Horizonte foi uma cidade planejada para ser a nova sede da capital de Minas Gerais e foi inaugurada em dezembro de 1897. Seus planejadores tinham o ideal republicano, isto é, ruptura com o passado agrário e escravocrata (simbolizado pela até então capital Ouro Preto) e início de um novo tempo que preconizava a modernização. O mito do progresso e o desejo universal de modernizar as cidades, constituíam o pensamento principal da época. Com isso, era preciso criar uma capital que fosse o centro político-administrativo capaz de congregar suas elites, garantindo a ordem interna e preservando a autonomia do Estado perante a nação[1]. Nesse contexto, o esporte surge como um símbolo de modernidade e distinção.

A abordagem metodológica, na proposição de uma investigação historiográfica, se apóia na concepção da História Cultural, que representa outra possibilidade de (re) construção do passado, se colocando no movimento de oposição de uma "história historicizante"[2], e se constituindo como uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar. Uma história preocupada, enfim, não com a apologia de príncipes ou generais em feitos

[1] RODRIGUES, Marilita. A cidade e o lazer: modernidades na cultura de Belo Horizonte. In: XII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2001, Caxambu. *Anais eletrônicos*... Caxambu, 2001.
[2] Termo utilizado por Ronaldo Vainfas para designar uma história arcaica, tradicional e pragmática.

singulares, mas sim com a sociedade global, e com a reconstrução dos fatos em série passível de compreensão e explicação[3].

Assim, os arquivos tornaram-se o "campo". Garimpar as fontes em periódicos locais referentes ao período estudado permitiu a construção de uma base de fontes, essencial à narrativa histórica. Os jornais e revistas compuseram o espectro privilegiado das informações utilizadas, e representaram significativa parte dos documentos consultados. Além das fontes escritas, as iconográficas e imagéticas também subsidiaram o universo da pesquisa.

Quanto ao recorte temporal do estudo, o ano de 1904 representa, para os estudiosos do futebol da cidade, "o marco histórico" do surgimento do futebol em Belo Horizonte, com a fundação do Sport Club Foot-Ball, primeira equipe formalmente constituída na Capital mineira. O fechamento da análise das fontes em 1920 foi determinado pelas próprias fontes, que indicaram, ao final da década de 1910, uma participação ativa da mulher, não apenas como elemento decorativo nas partidas de futebol, mas também como entusiasmada torcedora.

Neste sentido, vale apontar a primeira referência encontrada nos periódicos da presença feminina no contexto que circundava a prática do futebol. Assim, já em 1904, ainda na fase embrionária de implantação do esporte bretão na pretensa moderna cidade de Belo Horizonte, o jornal Minas Geraes (periódico oficial do Estado de Minas) traz, em sua edição dos dias 03 e 04 de outubro, a seguinte nota: "Ante-hontem foi disputado mais um match de football no campo desta novel sociedade, perante tão numerosa quão fina roda de distinctos sportsmen e gentis sportswomen (...)"[4]. As "gentis sportwomen" representavam as mulheres desportistas da cidade, que apreciavam o esporte de maneira geral, bem como o novo jogo de bola com os pés, o "foot-ball".

A presença do público feminino nos jogos de futebol se dá desde as primeiras manifestações de ocorrência do esporte na cidade. Essa presença, embora vá se reconfigurando ao longo do tempo, se mantém regular e constante. Na perspectiva de assistência, já que este foi o local destinado às mulheres no início deste esporte, a mulher aparece como um elemento discreto, que dá brilho e orna a festa esportiva. Aliás, apoiar nos bastidores sempre se constituiu como prática legitimamente feminina.

---

[3] VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: _____. *Domínios da História*: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 127

[4] MINAS Geraes. Belo Horizonte, 03-04 out. 1904. Seção Festas e Diversões, p.6.

Assim, contribuir para a exarcebação emocional do jogo é um campo do qual as mulheres nunca foram dispensadas[5].

Na partida realizada entre o "Estrada and Athletic Club" e o "Sport Club", em 1905, a presença das senhoras no campo não passa sem a devida atenção

> o campo apresentava um aspecto garrido, todo circundado de galhardetes e bandeirolas. Que este genero de sport já se introduziu definitivamente entre nós, prova-o a grande concurrencia de espectadores, e principalmente de senhoras, que affluiram, ante-hontem, ao Campo Novo, emprestando, por alguns momentos, áquelle logar quase sempre ermo, o brilho das suas ricas toilettes e da sua graça.[6]

Embora poucos registros imagéticos neste período possam ser encontrados a revista "A Vida de Minas" publica uma foto, lendo-se no rodapé o seguinte texto: "Nota de reportagem – Sahindo do Prado Mineiro, depois do ultimo match de football". No entorno do "ground" do Prado Mineiro, contrastando com a poeira advinda da falta de calçamento, as senhoras e senhorinhas desfilavam com elegância e pose, confirmando a presença feminina nas festas esportivas, notadamente nas partidas de futebol, conforme mostra a figura 1.



Figura 1: Revista "A Vida de Minas", Belo Horizonte, 30 set. 1915. p. 21

[5] BRASÃO, Inês. Improváveis simetrias: um retrato do futebol feminino. In: NEVES, José; DOMINGOS, Nuno (orgs.). *A época do futebol:* o jogo visto pelas ciências sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p.375-87.
[6] MINAS Geraes. Belo Horizonte, 09-10 jan. 1905. Seção Festas e Diversões, p.4.

O caráter "décor" posto na funcionalidade da presença feminina aos jogos de futebol tende a permanecer à medida que a lógica da assistência, distanciada da paixão clubística, prevalece nos "matches de football". Os jornais, com as suas notas, reforçavam essa ideia, como pode ser observado no trecho que se segue

> as archibancadas achavam-se repletas do que ha de mais selecto em nosso meio social e as gentis senhorinhas que alli se viam, muito concorreram para dar uma nota elegante e alegre ao 'match'[7]

Nesse sentido, a mulher representava, assim como a banda de música, um atrativo e um ornamento atrelado à idéia do espetáculo esportivo, cada vez mais intensa, ainda na ausência do pertencimento clubístico. Uma clara associação destes elementos pode ser reconhecida em algumas notas jornalísticas que diziam do privilégio atribuído às mulheres, tendo a entrada franqueada, conforme mostra a figura 2. Clara estratégia de atração, dos dois sexos.



Sport

FOOT—BAAL

No "ground" do Prado Mineiro haverá amanhã mais um "match de foot-ball", que será disputado entre os dous clubs America e Athletico.

Esse interessante jogo que começará á 1 hora da tarde, vae ser um successo em vista da fama de gosam essas duas sociedades sportivas em nossa cidade.

As portas do Prado Mineiro, segundo está anunciado, serão franqueadas as senhoras e senhoritas.

Figura 2: O Bello Horizonte – 24 jul.1915, p. 2

Porém, motivado por outros aspectos, como a crescente rivalidade dos "teams" e da enorme popularidade que o futebol ganhava, o comportamento da mulher começa a se modificar, passando a ter uma postura mais ativa e participativa. Fato que não passa incólume pela imprensa mineira.

Um bom exemplo desta nova postura da mulher é reverberado pelo periódico esportivo *O Foot-Ball*. Na sua edição de 21 de setembro de 1917, na seção denominada "Correspondencia das Torcedoras", o jornal dá o tom exato do quanto a inserção

[7] Festas e diversões. *Minas Geraes*, Bello Horizonte, 5 e 6 de julho de 1915. p. 7.

feminina no futebol havia se consolidado (e se modificado). Dentre várias notas no interior da seção, duas podem ser aqui destacadas, ao retratarem as seguintes situações:

> *Madame A. N.* – Lamentamos, deveras, a sua tristeza, por ter o Athletico perdido do America. Afinal, o que fazer? A sua "torcida" pelo club alvi negro ainda lhe dará um logar no ceo...
>
> ____
>
> *Senhorita C. B.* – Nós a vimos no "match" America-Flamengo. E como estava lindamente encantadora, dando gritinhos nervosos e mostrando-nos, entre risos, o seu grande e *sincero* amor pelo club das Alterosas.[8]

No entanto, a crônica "Às Torcedoras" é que permite a melhor dimensão deste novo momento. Logo no trecho introdutório, percebe-se uma nítida associação entre o aumento do interesse feminino pelo bretão esporte com as transformações sociais ocorridas na Capital. O autor refere-se a esta nova relação, alegando que "a radical mudança que, milagrosamente, se operou na sociedade horizontina, no que diz respeito às cousas de sports, é a mais bella victoria que o football conseguio no seio de nossas famílias.[9]"

Correlacionar o esporte com uma vivência familiar só seria possível graças à nova mentalidade que se instituía em Belo Horizonte, que passava a valorizar cada vez mais práticas vinculadas a um pensamento moderno, progressista. Ao contrário do que se imaginava anteriormente, a modernidade não inviabilizava a sua apropriação pela tradicional família mineira. Aos poucos,

> [...] a rua passa a exercer mais influência sobre os seus habitantes, em contraposição às formas de lazer doméstico identificadas com passado ouro-pretano. [...] A sociedade nascente da Capital, buscava hábitos e costumes das metrópoles, que ofereciam a referência da modernidade imaginada para cidade, cuja maior expressão era Paris[10].

A crônica "Às Torcedoras" em sua continuidade relatava que

> [...] ainda ha bem pouco tempo, as nossas gentis patricias, ao verem os foot-ballers de calção atravessando as ruas, achavam-nos ridículos, grotescos". E acrescentava, com ares de poesia, dando o contraponto da situação, que "os nossos campos não apresentavam o aspecto risonho e festivo de hoje, por isso que não eram aquecidos pelo sol de

[8] O FOOT-BALL. Belo Horizonte, 21 set.1917. Seção Correspondencia das Torcedoras, p.3.
[9] A'S TORCEDORAS. *O Foot-Ball.* Belo Horizonte, p.2, 13 set.1917.
[10] RODRIGUES, Marilita, 2001. *Op. citada.*

> olhares femininos e não lhe recebiam a harmonia de seu sorriso crystalino [...].[11]

A percepção das senhorinhas horizontinas se alterara radicalmente, como indicava outro instante do texto, onde lê-se

> não ha quem não saiba o enthusiasmo que a assistencia fluminense sopra na alma do foot-baller. Não ha emoção mais grata ao foot-baller do que pelejar com a pelota sob os olhares de uma donzella que "torça" duplamente: Para si e para seu club. Felizmente, Bello Horizonte já tem um numero consideravel de "torcedoras", que comprehendem o football, que nos momentos de angustia deixam escapar uma interjeição que exprime a afflição, o sofrimento de verem o "goal" de sua sympathia perigando. No "match" America-Flamengo vimos estampados nas physionomias de gentis "torcedoras" ares de tristeza, de inquietação, que as tornavam simplesmente mais encantadoras.[12]

Percebe-se que, nesse contexto, mesmo no espaço resumido das arquibancadas, algumas mulheres, principalmente as que tinham espírito esportivo, procuravam inserir-se no cenário futebolístico de outras formas. Mesmo que a essa presença estivesse habitualmente associada à questão do flerte.

Em um momento onde a competição, o desempenho e a rivalidade assumiam ares de relevância, a participação da mulher era tida, inclusive, como um fator motivante para o jogador, que se esforçaria mais ante o olhar aflito e encantador das torcedoras. Certo é que as mulheres não se contentavam mais com o submisso papel de guardiã do lar. Se for verdade que nem todas podiam subverter a ordem social masculina, muitas já se insurgiam contra esta lógica, reivindicando mais espaço em diversas práticas. Neste sentido, cabe afirmar que

> as mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. [...] Era nas cidades, as quais trocavam sua aparência paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis. A nova paisagem urbana, embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea, composta de imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que se mudavam do campo para as cidades.[13]

---

[11] A' S TORCEDORAS. *O Foot-Ball*. Belo Horizonte, p.2, 13 set.1917.
[12] ÀS TORCEDORAS. *O Foot-Ball*. Belo Horizonte, p.2, 13 set.1917.
[13] MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 368-71.

A presença das mulheres aos jogos de futebol é cada vez mais requisitada pela estrutura que organizava o esporte na Capital. A imprensa, cada vez mais, assumia o seu papel de apontar a relevância da figura feminina às partidas do jogo bretão. Alguns, com argumentos até inusitados, como os do jornalista Selenio Arruda, que em artigo publicado na seção de "Desportos" do periódico *Footing*, concatenava

> o futebol que é, pode-se dizer, o unico desporto que aqui se pratica, precisa ser seriamente amparado e impulsionado. E desde já avanço que duas são as fontes capazes de salvar a situação: o Governo e o bello sexo! [...] Quanto ao auxilio material do Governo, ninguem ousa pôr em duvida a sua indispensabilidade. [...] No que toca ao bello sexo, tambem não é menos indispensavel o concurso das nossas formosas horizontinas aos campos de futebol, onde os seus sorrisos compensam e premiam fartamente os athletas que se debatem nas pugnas. A esse respeito é bom acrescentar mais alguma coisa. Quer-me parecer que a quasi ausência das graciosas horizontinas aos campos é motivada pela falta absolucta de conforto que lhes offerece o Prado Mineiro, campo official da Liga de Desportos. A distancia collossal do centro da cidade, o pó immundo do caminho, a difficuldade de bondes para a volta, tudo isso já devia ter feito merecer dos dirigentes da Liga a rejeição completa desse abjecto e archaico Prado Mineiro. As nossas torcedoras têm, pois, uma certa dose de razão.[14]

Observa-se nos discursos da imprensa uma contradição nas falas, pois, ao mesmo tempo em que noticiava a inserção e consolidação da mulher enquanto torcedora que participa do evento futebolístico reforçava a imagem da mulher como incentivadora dos jogadores e ornamento desse espaço masculino ao serem tratadas por "bello sexo", "formosas", "graciosas".

A charge publicada em "O Foot-Ball", no mês de setembro de 1917, ilustrava a participação da mulher nas partidas de futebol, porém com a aproximação com o universo familiar, devidamente acompanhada, como mostra a figura 3. Ressaltava-se neste caso, a presença da família, destacando-se a criança, evidenciada na charge como um "torcedor *mignon*".

[14] FOOTING. Belo Horizonte, 12 jun.1921. Seção Desportos, p.5.



Figura 3 - Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917, p. 2.

Em muitas notas, os periódicos faziam referências sobre a frequência aos campos de futebol das famílias belorizontinas. Como por exemplo, em 1916, onde o jornal noticiava

> a festa sportiva a realizar-se depois de amanhã, 31, promovida pela Liga Mineira de Sports Athleticos, que assim pretende dar um remate brilhante ao campeonato de "foot-ball" de 1916, promete revestir-se do maior enthusiasmo e está sendo anciosamente aguardada pelos *sportmen* da Capital e por grande numero de familias, que recebem sempre entre os mais vivos applausos as festas desse genero.[15]

Essa referência tornava-se necessária para reforçar o fato de que, embora as mulheres estivessem arguindo direitos sociais e adentrando ao espaço público, elas deveriam saber se comportar nesse local apresentando um ar de seriedade que impunha respeito e, quando acompanhadas da figura masculina, apenas a do marido, pai ou irmão, era permitida, pois, em caso contrário, a mulher poderia ser (mal) falada[16].

Afinal, essa nova dinâmica social propiciou uma série de mudanças no comportamento feminino (e masculino). No entanto, além das modificações, mantiveram-se alguns costumes. Nesse sentido, fortes eram os discursos que buscavam uma corrosão da ordem social e quebra dos costumes via inovação da rotina das mulheres. Entretanto, mais fortes eram os discursos que cristalizavam determinados tipos de comportamentos femininos, convertendo-os em rígidos papéis sociais. Estes eram cunhados pela Igreja, por conservadores, por médicos, por juristas e legitimados

[15] MINAS Geraes. Belo Horizonte, 29 dez. 1916. Seção Festas e Diversões, p.6.
[16] MALUF, Marina; MOTT, Maria L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil* (Org.). v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 367-421.

pelo Estado, por meio dos códigos civis, os quais regiam o modo como esposas e maridos deveriam ser representados e julgados socialmente[17]

No entanto, na mesma edição, o periódico Minas Geraes estampava outra charge, com o revelador título de "Torcedores", mostrando o interesse do sexo feminino por assuntos ligados ao futebol da cidade, desta vez sem o vínculo com o mundo familiar e mais próxima de uma mulher independente e liberada, conforme mostra a figura 4.

FIG. 04 - Charge publicada no jornal *O Foot-Ball*, em 21 de setembro de 1917, p. 1.

Verifica-se que a imagem da mulher na primeira charge contrastava enormemente com a figura feminina posta no outro desenho. Nota-se pelas vestimentas e pela postura duas visões de mulher completamente distintas. Uma, inserida no âmbito da tradicional família, usa um vestido discreto, com a coluna arqueada e o chapéu a lhe cobrir quase completamente o rosto.

Comparando com a imagem feminina da charge "Torcedores", temos uma antítese visual. Desacompanhada (o que, para a época, era incomum), com uma postura altiva e elegante (beirando à sensualidade), e trajada nos moldes da moda parisiense, percebemos uma representação imagética da verdadeira dama da *belle époque* francesa, estampando valores da modernidade e de um novo modo de vida.

[17] MALUF, Marina; MOTT, Maria L. 1998, *op citada.*

Nesse contraste de postura e vestuário, observa-se que Belo Horizonte vai cedendo aos poucos ao espírito moderno e aos valores cosmopolitas do início do século.

Por fim, cabe destacar a presença e a participação feminina nos campos e estádios da Capital mineira. Integrada ao movimento de inserção do futebol na cidade desde os seus primeiros movimentos, a mulher se constituiu como o mais importante elemento da assistência e das torcidas, no período pesquisado. Primeiramente parte de uma iniciativa de atração do público assistente, as “senhoras e senhorinhas” representavam o aspecto decorativo do espetáculo esportivo, e eram vistas como peças que ornavam as partidas. Após 1915, assumiam, de forma crescente, um papel mais ativo, reivindicando uma participação legitimamente de torcedora, seja por um clube ou por um jogador. Os relatos que trazem à superfície a presença feminina nos “grounds” da cidade são recorrentes, chegando mesmo a serem encontradas seções específicas para este público, intituladas, via de regra, de “As Torcedoras”.